

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Deus, Rodrigo Moita de

**Arquitectura : passado, presente e futuro :
resposta**

<http://hdl.handle.net/11067/5872>

<https://doi.org/10.34628/fa0q-3x78>

Metadados

Data de Publicação

2021

Tipo

bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T12:21:28Z com
informação proveniente do Repositório

RODRIGO MOITA DE DEUS



A nossa civilização em cerca de 30 séculos e fundou-se numa vivência analógica; a crescente opção por uma via digital, obrigará a transmigração dos velhos conceitos de indivíduo e cidadão, para um ente abstrato, que poderá terminar num avatar de cada um. a humana(idade) cede-se à tecnol(idade)?

Difícilmente utilizaria a expressão “avatar” mas caminhamos para uma identidade digital. Um login universal multifuncional (apps e serviços públicos). Algo que países tão diferentes como a China ou a Estónia têm estado a ensaiar e que corresponde a uma materialização no digital da nossa *persona* contribuindo para a fusão dos dois mundos. Nesse sentido, significa o fim da liberdade no mundo digital. Não podemos ser quem queremos. Temos de ser quem somos. O caminho significa perda de “liberdade”? Sim. Mas significa, sobretudo, que acabou a capacidade de fingir. Quem não somos, o que não fizemos e o que não sabemos. A capacidade de fundir a nossa *persona* real com a nossa *persona* digital é, por isso, muito significativa. E com um impacto extraordinário do ponto de vista sociológico. Neste sentido vale a pena acompanhar as experiências que atualmente decorrem na China e as consequências que decorrem.

O coronavírus veio avisar que a aceleração da digitalização da sociedade é um passo à beira do abismo civilizacional. quando todo o indivíduo, com medo e pavor, se esconde atrás da protetora máscara, perdemos o rosto e somos um input numa aplicação que nos rastreia. qual vai ser a evidência de um novo tipo de liberdade?

Veio acelerar o processo de estatização do digital. Com os governos a imporem cada vez mais regras sobre quase tudo. Com

grupos de cidadãos a exigir essa intervenção. Em nome da segurança e da disponibilização de serviços digitais os governos começam a decidir que plataformas podemos consultar e aceder em que territórios, que tipo de discurso ou conteúdos podemos publicar e como nos podemos apresentar. Hoje discutimos o acesso à Internet com um bem essencial e regulado. Como a água ou a eletricidade. E, sem darmos conta, estamos a entregar a regulação desse mesmo espaço a quem já regula o mundo físico. E isso tem consequências. Mais leis, mais regras e muito menos liberdade. O mundo digital está a fazer o caminho de um “wild west” para uma “urbe”. Com regras e regulamentos próprios. É o fim de um tempo e o começo de outra coisa qualquer.

A arquitetura deu forma ao mundo e moldou as imagens das instituições como as conhecíamos. Com a diluição da forma das instituições e a descaracterização formal da função os edifícios, as cidades novas revelam-se todas numa imensa massa de indiferença de objetos urbanos e os edifícios de uma banalidade tremenda. Para que servirá a Arquitetura numa sociedade diluída e alheada em redes sociais e desformatada e descaracterizada pela banalidade?

Há um momento na nossa história recente que corresponde a uma perigosa mistura entre boom demográfico e crescimento exponencial das cidades. Em que cidades passam a ter mais população que muitos países. E estamos a falar de uma janela temporal de 50 anos. É um momento em que a necessidade básica de habitação se sobrepõe a qualquer outra (ordenamento, qualidade de vida...). Hoje vivemos um momento histórico radicalmente diferente. Temos um abrandamento do crescimento demográfico, temos capital de investimento como nunca na nossa história e novas doutrinas (nomeadamente a eficiência das smart cities). Estima-se que daqui a 20 anos mais de 65% da população de todo o mundo viva em zonas urbanas. Esta pressão significa que as nossas cidades têm de ser radicalmente diferentes. Seja pela questão da mobilidade, seja pelas preocupações sociais e de sustentabilidade estamos a falar de um processo de requalificação urbana a uma escala como nunca vimos.

O percurso evolutivo do poder das máquinas iniciado na revolução industrial, fortemente incrementado pelo poder dos algoritmos na tecnologia conectada, começa a dar sinais de que os humanos são um problema no sistema, pelas falhas e inconstância que continuamente provocam. Vão as atividades humanas serem todas substituídas pela eficácia do algoritmo? onde fica a política?

Retirar o homem de funções básicas e repetitivas significa requalificar os Homens e devolver-lhes a individualidade e a humanidade. Nós vivemos uma geração obrigada a produzir comida e conforto para um número inédito de seres humanos. E quando todos os especialistas diziam que era impossível fazê-lo esta geração conseguiu. A evolução tecnológica permite libertar as novas gerações da pressão produtiva. Pela primeira vez na nossa história, enquanto espécie, não precisamos de trabalhar para comer. Podemos mesmo dar-nos ao luxo de ficar em casa (confinados) e mesmo assim alimentarmo-nos. Isso é inédito na história da humanidade. Mas vem com um custo. Em liberdade. Pela primeira vez na nossa história a maioria da população defende uma restrição das liberdades individuais em nome de uma segurança coletiva. Mais confinamento ou a proibição de ajuntamentos por causa de uma doença. Nunca tinha acontecido antes. E os Estados reagem favoravelmente. Restringem liberdades em nome de uma segurança coletiva. O mundo está ao contrário.

Serão os homens apenas o pretexto, enquanto ser vivo evoluído da longa cadeia natural, para que na disposição livre dos elementos da tabela periódica presentes no planeta, fabricarem as máquinas para explorarem o Universo, face à nossa finitude e fragilidade?

A evolução da humanidade é uma interessante amalgama entre necessidade e sonho. Sonho no sentido de ambição. Duas variáveis que só existem exatamente por causa da nossa “finitude” e “fragilidade”. Enquanto formos finitos e frágeis a nossa natureza pouco ou nada se alterará e o sonho comandará a vida. Nesse sen-

tido as máquinas são um instrumento. Como a roda, o fogo e um se número de outras invenções humanas. Mais uma. E, até prova em contrário, como outra qualquer.

Haverá arquitetura para as máquinas de inteligência artificial? Haverá urbanidade? serão elas cidadãos digitais?

Caminhamos para isso mesmo. Mais por uma necessidade econômica que por um princípio filosóficas. Porquê? Porque as máquinas estão a alterar profundamente o mercado de trabalho. Ao mesmo tempo que criam novas profissões destroem milhares de postos de trabalho. As máquinas vão obrigar-nos a repensar a forma como educamos e nos preparamos para a idade adulta. Conseguem executar mais rápido, com maior precisão e produtividade. Vamos precisar de cada vez mais “engenheiros” e cada vez menos operários. Mas o processo de substituição é rápido o que significa que os Estados serão obrigados a suportar os custos sociais desta alteração irreversível. Da mesma forma como financiou o processo de substituição da máquina a vapor e da tração animal para o diesel. A única solução é fazer das máquinas cidadãos digitais, no sentido em que pagam impostos para suportar os custos do sistema. E isso tem consequências. Na forma como pensamos a sociedade, as cidades e organizamos os estados. Nos deveres, as máquinas serão cidadãos como nós.